

COISAS DIFÍCEIS DE DIZER; COISAS IMPORTANTES DE DIZER; COISAS DE ESCREVER, LER E PENSAR

...OU DE PENSAR, ESCREVER E LER...

...OU DE LER, PENSAR E ESCREVER...

A pergunta sobre o literário se impõe quando nos perguntamos, sobretudo nós, profissionais da língua, os que escrevemos e lemos por dever de ofício, o que há num texto que lhe confere valor? O que há num texto que alude ao processo de que ele resulta ao ganhar mundo? O que há num texto que fisga uns, perde outros, surpreende mais adiante, ou revela, atormenta... ou acompanha, alimenta...?

Sabemos que, se há textos em circulação, há redes de filiações, há certos sistemas que são tecidos por certos atores sociais, cujas ações – umas mais, outras menos – institucionalizadas nutrem ou desmineralizam as instituições, modelam caminhos, às vezes rompem barreiras, abrem picadas, forjam sulcos. Pois sabemos que esses atores operam como estrategistas táticos em meio às coerções que não inventaram, mas que herdaram – e cultivam ou rechaçam. Sabemos também que fazem um tanto dessas coisas muito conscientemente, mas sem ter controle sobre aonde cada um de seus passos levará, e sabemos que um tanto outro é feito sem que se possa dar conta de que está em curso um processo que levará um texto a ocupar lugar no mundo, devorando ou cuspidando ideias.

De fato, pode soar bem misteriosa essa alquimia de quem tem ciência e que, por isso mesmo, por ter ciência, sabe que ela tem limites – *ela*, a ciência, como a alquimia. Nenhum mal e nenhum bem é anterior a sua configuração, a sua materialização, que é conduzida, afinal, por atores sociais cujas ações – umas mais, outras menos – institucionalizadas nutrem ou desmineralizam etc. etc.

Espantoso que nasça daí uma espécie de flor de vez em quando, dado que esse trabalho de fazer texto, de editar texto parece mais asfalto e estrada do que súbita cor rachando concretudes sem utilidade ou função: uma flor irrompe numa fresta de calçada para... para nada. Envereda pela rachadura e por isso existe, e porque existe desse modo é que nos põe questões. Em resumo: que faz essa flor aí onde não se previa que houvesse flor?

As mãos que pomos nos textos, mesmo quando disfarçadas de utilidade imediata, são um pouco como essa flor intromissiva que nada quer senão viver; são mãos de quem sabe protocolos, mas sabe também que eles não bastam e que, se algum deles em um texto se vivifica, é porque pulsa ali, valendo a laboriosa pena, essa cor que sai por aí afora arrebanhando gentes – às pencas, às dúzias, às unidades discretamente delineadas (há também, entre os textos, uns caprichos). Enfim: as mãos que pomos nos textos ou, se quisermos ir às últimas consequências deste raciocínio, os textos que nos saem das mãos são bons quando, mesmo devendo servir a algo, atender a uma demanda, cumprir uma missão, irrompem como flor que racha o asfalto sem explicar a quê vem; flor que se fia na sua potência de ser, de estar ali, de oferecer ao vento, sem qualquer pretensão maior, sementes de uma potencial multiplicação.

A vida dos textos é, por isso, maior e mais forte que a indústria cultural estabelecida no século XX, principalmente por um cinema linear e metido a representante do viver – a lógica que preside o engenho hollywoodiano, como vimos – ; a vida dos textos é maior e mais forte do que a ciência do século XIX, que se desdobra em tecnologias no XX e chega ao XXI como explicação hegemônica de tudo, sem modéstia e mesmo sem perícia. A vida dos textos pode até parecer que só dá conta de fazer isso mesmo: documentar os

clamores da máquina de cultura que faz mais do mesmo, mais do mesmo, mais do mesmo; documentar a explicação científica das coisas todas, pretensiosamente. Mas, na real, a vida dos textos desafia qualquer explicação que caiba muito cabida em um texto.

Transcendência de si mesmos, os textos são matéria poderosa, movida pelas mãos dos que a textualizam. E, olhando pra muitos deles, vemos que os literários são uma espécie de ode a isso, a essa condição de flor intromissiva e rasurante que está na alma de todo texto, podendo, como âlma, dar-se a ver logo ou não. Mas está lá, cor prometida, como uma chance muito racional de nosso encontro com o Mistério – esse que nenhuma máquina de cultura replica, nenhuma ciência efetivamente explica e que, ainda assim, é o que nos mantém de pé.

O literário é esse troço totalmente produzível e paradoxalmente indizível em palavras só.

12/07/2017

DISCURSO LITERÁRIO: CRIAÇÃO, EDIÇÃO E CONSUMO

LUCIANA SALAZAR SALGADO